

CURRÍCULO, DISCURSO E DISCURSOS.

Maria Zuleide da Costa Pereira ¹

Gt Currículo\UFPB

1. Iniciando um discurso sobre currículo

O movimento da vida nos leva a assumir e aceitar que há alterações no tempo e no espaço que incorporam permanentemente novas epistemologias as nossas pesquisas. Referindo-me ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Práticas Curriculares (GEPPC), que cooordenem em João Pessoa/PB, afirmo ser indispensável incorporar as análises discursivas que há muito tempo se constituem estratégias importantes para interpretar os novos desafios postos pelas concepções de currículo desde últimas décadas do XX.

Estas análises discursivas me permitiu interpretar o currículo de forma mais ampliada. Utilizando uma expressão de Bhabha(1998) eu diria uma interpretação para além, ou seja, para além da crítica pela crítica e para além de seu caráter, puramente, performático e centralizador. Considerando que para Bhabha(1998:21) os locais da cultura estão bastante ampliados e, ainda, resguardando zonas de sombra ou entre lugares onde a cultura e o currículo podem produzir discurso e discursos que formam novas redes de significação. E, é sobre essas novas redes de significação que quero abordar, nesse texto, como o objetivo de analisar como o discurso e os discursos presentes o campo do currículo constroem novas abordagens interpretativas diante dos contextos contemporâneos..

2.Currículo, discurso, discursos.

As discussões recentes no campo do currículo me levou a assumir o currículo como redes de significação (múltiplos sentidos) por favorecer incorporações importantes para o entendimento das questões emergentes vivenciadas nos contextos

¹. Professora Adjunta do Programa de Pós - Graduação em Educação (PPGE) da UFPB.
mzul@uol.com.br

atuais. Algumas dessas questões se traduzem em análises sobre cultura, gênero, raça/etnia, religião, geração, orientação sexual, etc.

Reestruturando algumas posições epistemológicas sobre o campo do currículo optei no GT de Currículo da UFPB - o GEPPC- a defender o currículo como redes de significação, dando ênfase ao discurso e os discursos engendrados no âmbito das políticas e práticas curriculares. Dentro dessa nova perspectiva o discurso em consequência da virada linguística na Teoria Social segundo Fairclough (2001: 20) confere um papel mais central à linguagem nos fenômenos sociais.

Fazendo uma trajetória minuciosa de como a análise do discurso foi se desenvolvendo do campo epistemológico, Fairclough (2001), destaca que os estudos iniciais sobre a análise do discurso (AD) têm inúmeros representantes importantes, entre eles, destacou Foucault (1972; 1979 e 1982) considerado o protagonista da AD e o autor que popularizou o conceito de discurso e de análise de discurso no campo das ciências sociais e humanas.

O discurso segundo Fairclough (2001: 64-65), para Foucault “constitue os objetos de conhecimentos, os sujeitos, as relações sociais e as estruturas conceituais.” Enquanto a Análise do discurso (AD) não se refere a especificação das frases que são possíveis ou gramaticais, mas à especificação sociohistoricamente variável de formações discursivas (algumas as vezes referidas como discursos), sistemas de regras que tornam possível a ocorrência de certos enunciados, e não outros, em determinados tempos, lugares e localizações institucionais”.

Essas considerações sucintas sobre a análise feitas por Fairclough (2001) considerei importante, por isso as evidenciei, por entender que para a área das ciências humanas essas teorizações foram representativas para a teoria de análise do discurso textualmente orientada (ADTO) de Fairclough (2001), que tinha como finalidade adotar pressupostos da linguagem e do discurso na teoria social. No entanto, não essa a perspectiva que pretendo abordar. Mas, investigar como o discurso e os discursos se manifestam no campo do currículo na atualidade com seus consensos e dissensos que, podem de alguma forma esclarecer melhor minha opção de análise pela Teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2004).

A AD trouxe grandes contribuições e reinterpretações para o campo do currículo e, ao meu ver, tem elementos importantes que reforçam e descontrolam alguns equívocos sobre para a compreensão da Teoria do Discurso proposta por Laclau e Mouffe em 1985. Isso me faz afirmar que, neste texto, apesar das referências a

Fairclough (2001) não desenvolverei uma genealogia sobre o tema AD porque foge aos propósitos dessa investigação.

Neste texto, meu objetivo é buscar nas idéias dos autores Laclau e Mouffe maiores interpretações sobre a teoria social do discurso. Nos últimos anos, os citados autores, têm se debruçado na construção e aperfeiçoamento dessa teoria social do discurso, com o objetivo de demonstrar as impossibilidades de se assumir uma representação universalista, por entenderem que toda representação é assumida como realidade construída discursivamente. Logo, a realidade só pode ser representada na forma de particularismos sem, no entanto, desprezar os vínculos que a conectam com a representação universalista, que assume o nível de horizonte incomensurável.

A partir da teoria social do discurso Laclau e Mouffe sustentam que o discurso “é tudo o que constitui a realidade (coisas, sujeitos, práticas...)”. Essa significação se dá através de uma sistema de regras construídas socialmente que lhe dá significado: “ todos os objetos, são objetos do discurso, porque seu significado depende de um sistema de regras e diferenças significativas construídas socialmente” (SOAGE, 2006:53).

Em outras palavras, Laclau (2005:92) assume que o discurso constitui o terreno primário de constituição da objetividade como tal. O discurso não está restrito a fala e a escrita, mas, um complexo de elementos no qual as relações jogam um rol constitutivo. O discurso se constitui e é constituído de elementos que “não são pré – existentes ao complexo relacional, mas se constituem através deles. Portanto, relação e objetividade são sinônimos.”

Laclau (2005) referendando-se nas afirmações de Saussure, acredita que na linguagem, não existe termos positivos, mas somente diferenças- algo é o que é -- somente através de suas relações diferenciais com algo diferente. Isto é certo na linguagem concebida em sentido escrito, também é certo para qualquer elemento significativo (objetivo): uma ação é o que é através de suas diferenças com outras ações possíveis e com outros elementos significativos- palavras ou ações- que podem ser sucessivas ou simultâneas.

Esta perspectiva proposta por Laclau (2005:93) pauta-se no jogo das diferenças, ou seja, nenhum fundamento que privilegie, a priori, alguns elementos do todo por sobre as partes. Qualquer que seja a centralidade adquirida por um elemento, deve ser explicada pelo jogo das diferenças. Ainda, fica evidente que a noção de discurso de Laclau (2005: 138) cercam os jogos de linguagem de Wittgenstein – isso implica na afirmação de que as palavras e as ações se articulam, “de maneira que a função de

fixação nodal nunca é uma mera operação verbal, senão que, está incerta em práticas materiais que podem adquirir firmeza institucional, isto é, o mesmo que afirmar que qualquer deslocamento hegemônico deveria ser concebido como um câmbio na configuração do Estado, (...)”.

Assim, assumo que analisar o currículo dentro de um processo de redes de significação é considerá-lo como prática discursiva. Isto quer dizer que os discursos produzidos sobre o currículo não são pré- existentes ao processo relacional como tal. Mas, são constituídos e constituidores dentro desse processo, dentro do jogo entre equivalência e diferença através da palavra(discurso) e ação(discursos ou prática discursiva).

O currículo enquanto discurso e prática discursiva se constitui e é constituído por um rol de objetos, de pessoas, de práticas culturais, relações sociais e de poder que objetivamente estão presentes, nesses espaços, onde ele se desenvolve. Essas práticas discursivas se formam dentro e fora de uma relação de objetividade. O discurso é palavra e ação. Sua finalidade no âmbito do currículo é incorporar discursos engendrados tanto nas políticas macro (universalistas) que perpassam as Agências institucionais que normatizam as políticas educacionais e curriculares no Brasil, a exemplo do MEC, Associações científicas Nacionais, Conselhos representativos das federações dos setores produtivos, Secretarias Estaduais e Municipais de educação, etc.... quanto nas micro políticas (particularismos) que se materializam nos espaços das escolas, nas salas de aula, instâncias representativas de professores, de alunos, de pais, direção, corpo técnico e de apoio infraestrutural.

O processo de redes de significação referente ao discurso foi constituído e se constituindo enquanto currículo neste jogo das diferenças demandados por este rol de instituições, sujeitos, lugares. E, para pensar o currículo nessa perspectiva faz-se necessário entendê-lo como frisei, em um outro texto, sobre currículo e pluralidade cultural como um objeto de estudo para ser compreendido no jogo das diferenças como Laclau(2005). E, é sobre esse currículo como redes de significação que , a seguir, exponho algumas ideias bastantes sucintas, mas relevantes..

3. O Currículo como Redes de Significação: o jogo das diferenças

Para que esse jogo de diferenças possa ser considerado no âmbito do currículo, a ideia de um currículo comum, hegemônico dos contextos contemporâneos e a própria

defesa da tese da hegemonia (significante vazio) traz uma nova forma de reinterpretar o currículo. Essa nova forma não dispensa recursos retóricos que, segundo Laclau (2005) são importantes para a compreensão que muitas das significações não passam de totalizações vazias, ou melhor, significantes vazios.

Laclau (2005:104) entende que existe inúmeros objetos que são inomináveis em sua representação(objetividade). Portanto, pensar discursos com pretensões totalizantes ou universalistas de qualquer ordem (cultural, econômica, social, religiosa,) além das impossibilidades disso não acontecer, há um contra argumento muito forte – toda totalização provoca uma exclusão.

Esse argumento deslocado para o campo do currículo, aqui entendido como redes de significação (múltiplos sentidos) não encontra espaço de exequibilidade, uma vez que para Laclau (2005) todo ato de exclusão provoca uma cisão na identidade e compromete a lógica da diferença que é o elo de ligação e cisão com as outras identidades, e, ao mesmo tempo o seu laço equivalencial com todas as outras identidades em relação ao elemento excluído.

Esta lógica excludente nas análises de Soage (2002: 54) sobre a teoria do discurso de Laclau (2005) se realiza quando uma formação hegemônica tem a pretensa aspiração de promover uma totalização social e, para isso faz uma articulação de forma completa e final de elementos que se configuram na ordem social mediante a fixação de pontos nodais. Esta fixação desses pontos nodais se realiza através da produção de discursos que tem lugar no nível das palavras e das imagens e se sedimenta em práticas institucionais (LACLAU,2005,137).

Trazendo essas reflexões para o campo institucional educacional concebo que o significativo currículo pode ser também totalizações improváveis de serem objetivadas, diante do fato, de que significantes vazios são meros desejos da sociedade. E, os particularismos são lados performáticos (ações) produtores de hegemonias contingenciais.

4. Compromisso em retomar as análises

Opto por assumir o currículo como um significativo vazio porque o poder no jogo das diferenças torna-o disperso e sem hierquização. Fato que, possibilita a negociação entre as diferentes culturas diante das novas posições dos sujeitos nas sociedades atuais. O poder negociado pode ampliar os espaços discursivos de todos que lutam por reconhecimento de suas culturas, etnias, religiões, sexo, gênero, gerações, classes sociais, etc....

Assim, o currículo como redes de significação ao produzir pontos nodais diversos, ao longo de sua trajetória de tempo e lugar, e, ao aglutiná-los, vai fixando-os e deslocando-os continuamente. Neste processo de significação e ressignificação o currículo, assume o caráter de significante vazio. De um lado, ele, incorpora os discursos que perpassam na sociedade produzidos através da fixação e dos deslocamentos de modelos de currículos que com seus particularismos se diversificam em modelos curriculares centrados em temas como pluralidade cultural, direitos humanos, ética, multicultural, emancipador, performático, interdisciplinar, multidisciplinar, integrado, etc... De outro afirmo que os diferentes discursos que perpassam a sociedade (contexto) através agências políticas criam e normatizam os textos (Políticas educacionais, leis, resoluções, regimentos, diretrizes curriculares) desses discursos que os grupos sociais ao desenvolverem suas práticas(ações) através de suas agências civis representativas tentam legitimar e reconhecer as suas diversas lutas sociais.

A legitimação dessas formações discursivas (práticas discursivas) ganham materialidade na sala de aula e demais espaços educativos e sociais, pela performática (ação) das pessoas, imagens, palavras, etc....Esses particularismos são fluídos, abertos, contingentes, ambivalentes, plurais e resultam da tensão negociada no jogo das diferenças.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Editora da Universidade de Brasília, 2001.

LACLAU, Ernesto. PODER E REPRESENTAÇÃO. Revista Estudos Sociedade e Agricultura. Em 07/dezembro/1996a- (28-87). Tradução de Joanildo A. Burity da Fundação Joaquim Nabuco de Recife/PE. Em <http://biblitecavirtual.clasco.org.ar/ar/livros/Brasil/Cpda/estudos/set/Laclau>

LACLAU, Ernesto.& Chantal Mouffe. HEGEMONIA Y ESTRATÉGIA: SOCIALISTA: hacia una radicalización de la democracia. Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2004.

LACLAU, Ernesto. LA RAZÓN POPULISTA. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2005.

MACEDO, E. PROJETO REDE DE PESQUISA EM POLÍTICA DE CURRÍCULO E CULTURA. Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD). Submetido ao Edital PROCAD n. 01/2007a e aprovado em 2008.

SOAGE, Ana. LA TEORIA DEL DISCURSO DE LA ESCUELA DE ESSEX EN SU CONTEXTO TEÓRICO. Universidad Complutense de Madrid. ISSN 1576-4737. <http://www.ucm.es/info/circulo>. 2006.